

# A literatura está em perigo?

## *Is literature in danger?*

Maxwell Souza dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

[maxwellvalente21@gmail.com](mailto:maxwellvalente21@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-4263-1930>

AMORIM, Marcel Alvaro de.; DOMINGUES, Diego; KLAYN, Débora Ventura ;  
SILVA, Tiago Cavalcante. *Literatura na escola*. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2022.

Redes sociais. Vídeos curtos. *Influencers*. Cultura de massa. O declínio da leitura literária. Livrarias fechando as portas. Esse mosaico poderia representar facilmente uma *literatura em perigo*, como já apontava Todorov. O mundo em um contexto desfavorável à prática de ler literatura tem sido tematizado no centro das discussões daqueles que a ensinam, uma vez que se questiona o motivo de ainda existir educação literária em sala de aula. Portanto, é retomando esse caminho de reflexão que os autores Marcel Amorim, Diego Domingues, Débora Klayn e Tiago Cavalcante, iniciam o livro *Literatura na Escola*, desfazendo a ideia de que não se lê mais literatura.

*Literatura na escola* foi publicado pela editora Contexto em 2022. Sua primeira edição traz 159 páginas divididas em quatro capítulos, em que os quatro autores conjuntamente compartilham a produção teórica e prática de pesquisas realizadas no âmbito do grupo de pesquisa Práticas de Letramentos e Ensino de Línguas e Literaturas (PLELL). Esse grupo é vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro e formado por diversos estudantes de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Partindo da longa produção acadêmica de mais de cinco anos, os autores, que já são doutores e com vasta experiência em sala de aula na educação básica e ensino superior, resolveram se reunir e, em um posicionamento ousado, não apenas sistematizaram toda teoria produzida no grupo, como também apontaram caminhos e propostas de atividades.

Em primeira instância, há um capítulo intitulado “Como é e para quê?”. Os autores o iniciam reforçando e explicando o que apenas foi citado acima, ou seja, a desmistificação de que a literatura não é mais lida atualmente. Para tanto, são usados dois artifícios de argumentação: 1) retorno à historiografia acerca da recepção da literatura no século XIX e 2) um paralelo de análise acerca do consumo atual de literatura.

Sobre o primeiro ponto destacado, discute-se sobre como se construiu uma narrativa falsa que no século XIX as pessoas liam mais. Segundo dados do primeiro censo brasileiro, em 1872 havia em torno de 10 milhões de habitantes no país, desse número 15% da população era escravizada e, do restante livre, apenas 19% eram alfabetizadas, algo em torno de 1.564.051 pessoas. Além disso, O *Jornal do Commercio*, conhecido por ser precursor na publicação de folhetins literários, tinha uma tiragem diária de 15 mil exemplares, sendo assim, mesmo que todas as edições fossem vendidas, isso só alcançaria menos de 1% desse público leitor. Portanto, é possível dizer que poucas pessoas realmente acessavam regularmente esse material, o que desfaz a ideia de popularidade da literatura no século XIX como algo comum a todos.

Sobre o segundo ponto destacado, tem-se a defesa de que a literatura ainda hoje parece ser vista como um produto restrito à escola e aos intelectuais, ao desconsiderar uma avalanche de jovens autores, os novos suportes e os novos produtos de entretenimento que perpassam o texto literário. Nesse momento é interessante perceber a teoria dos multiletramentos influenciando a perspectiva dos autores, uma vez que o conceito de literatura é expandido para considerar não apenas o objeto do livro, mas também para abarcar as redes sociais como espaço de divulgação do literário. Adiciona-se a isso, os múltiplos gêneros insurgentes, como as HQ's, os instapoemas, batalhas de *slams* e outros. Os autores ainda mencionam diversas obras da atualidade que têm grande adesão, como as sagas *Harry Potter* (1998-2007) e *As Crônicas de gelo e fogo* (1996-atual); livros que se tornaram *bestsellers* ao serem televisionados, como *O conto da Aia* (1985); eventos que tiveram grande repercussão como a Bienal do Livro e a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip).

Nesse ponto, embora os autores não tenham feito uma ampla pesquisa ou tenham tentado se aprofundar no consumo de literatura atual, deixando de lado questões como: quais jovens têm consumido essas literaturas? Quais jovens podem comprar esses livros? Quais jovens podem acessar esses eventos? Ainda assim, é importante vislumbrar como há uma nova ideia do que é literatura e que ela continua sendo lida.

Outrossim, os autores compreendem que dados da Amostra Domiciliar de 2018 apontam que ainda há 11,3 milhões de analfabetos na faixa etária de 15 anos ou mais. Além dos dados alarmantes que apontam o esvaziamento das livrarias. A meu ver, é necessária mais pesquisa sobre essa questão, tendo em vista que as novas formas de acessar os livros, como Kindle, Wattpad, Amazon e maneiras menos custosas, podem estar cooperando para esse esvaziamento. Nesse contexto, é perceptível que o brasileiro ainda lê pouco, por consequência da desigualdade social.

Na sequência, os autores tentam apontar para o que poderia ser o ensino da literatura na escola, destacando três problemas: ênfase no caráter sócio-histórico-cultural; ênfase no caráter artístico; ênfase no caráter linguístico. A primeira acontece quando se apresenta apenas o tradicional percurso dos estilos de época; o segundo é observado quando a leitura do texto literário tem por objetivo apenas o prazer estético do aluno-leitor, propiciando a fruição; e, por fim, o terceiro caso é quando o texto literário serve de pretexto para os estudos gramaticais. Já adianto que a conclusão dos autores é que o principal equívoco surge na dedicação excessiva de apenas uma dessas abordagens, portanto o que se defende é a transversalização dessas perspectivas.

É preciso abrir espaço para o (re)conhecimento da literatura como arte de simbolizar, aprender e propiciar a descoberta de novos autores. Sendo assim, a procura pelo “o que o autor quis dizer?” se torna uma atividade pouco produtiva, assim como perguntas do tipo “quais características principais da primeira fase do romantismo no Brasil?”. Além disso, compreende-se que a gramática deve estar a favor da leitura literária e não o contrário; por exemplo, chamar a atenção para uma inversão sintática na ordem dos termos, observar o uso intencional de uma variedade linguística, entre outros exemplos.

Na segunda parte do livro, os autores trazem uma tese inovadora sobre o conceito de Leitura Literária. O ponto de partida é o deslocamento que existe entre o modelo de leitura mais difundido, conhecido como *processo interacional*, para o lócus da *integração*. Compreende-se que o leitor não apenas interage com o texto, pois “os elementos advindos de texto e leitor (bem como dos contextos sociais, históricos e políticos nos quais serão inseridos) efetivamente se integram, formando um novo produto, uma leitura única e que servirá de base para a construção de leituras e contextos outros” (Amorim *et al*, 2022, p. 69). Desse modo, toda leitura ocorre num movimento de integração entre leitor e texto, o que diferenciaria o texto literário dos demais seria a *dimensão estética*.

Para tanto, os autores bebem dos estudos do Círculo de Bakhtin ao se apropriar do conceito de *exotopia*. Grosso modo, essa noção se relaciona com a capacidade humana de conseguir vivenciar o lugar do outro, sem abrir mão do seu lugar de existência, ou seja, um lugar externo a si mesmo, por meio da literatura e da arte. Nesse processo a pessoa sai do seu estado natural, levando consigo seu eu, constituído sócio-historicamente, embora a pessoa possua um excedente de visão que é individual. Dinamicamente, há o movimento de retorno, que ao permitir um excedente de visão, possibilita uma valoração da experiência de deslocamento ocorrida devido ao contato com a arte. Aqui pode ocorrer uma transfiguração da realidade, ao repensar seus valores morais, sentir emoções e possibilidades de vivências outras.

Temos, assim, a leitura literária entendida como “aquela em que, diante do texto (social, política, cultural e historicamente situado), o leitor (igualmente situado) consegue reconstruir elementos que abrangem as dimensões cognitiva, ética e, também, estética de sua existência em sociedade” (Amorim *et al*, 2022, p. 73) Essas dimensões sempre são construídas de forma contextual, em que as relações de poder influenciam constantemente. Partindo dessa discussão, é possível perceber esse primeiro conceito inovador que aparece no livro, e adiante que outros dois conceitos são reformulados mais à frente: os letramentos literários e os letramentos literários de reexistência.

Deste modo, na terceira parte do livro, os autores usam da mesma estratégia da parte anterior para discutir o que chamamos de letramento literário. Rildo Cosson em *Letramento literário: teoria e prática* (2006) sistematiza e expande algumas noções preliminares de Grijó e Paulino (2005), que ao falar sobre a mediação feita pelo livro didático entendem o letramento literário como uma interação entre os sujeitos alfabetizados em práticas sociais de leitura da literatura. Cosson ao criticar a noção trazida pelas OCEM defende que não se deve resumir o letramento literário à fruição e experiência estética, uma vez que isso seria transformar a literatura em um simulacro de si mesma, negando o seu poder de humanização. Ainda assim, é somente em Cosson e Paulino (2009) que o conceito é cunhado como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (Cosson e Paulino, 2009, p. 67).

Nessa teia de discussão, o letramento literário se configura em dois processos, o primeiro em que se considera a interação verbal mais intensificada, e o segundo em que há um processo de reconhecimento do outro a partir de um movimento de (re)construção do mundo por meio da experiência literária, algo que amplia e reforça o processo exotópico comentado acima. Por fim, retomando as considerações apresentadas nos

capítulos anteriores, os autores buscam ressignificar essa perspectiva, afirmando as práticas de letramentos literários como “movimentos contínuos, responsivos e ideológicos de apropriação do texto literário como construção de sentidos sobre os textos, sobre nós mesmos e sobre a sociedade”. (Amorim *et al*, 2022, p. 96).

Essa parte da discussão é concluída com algumas orientações para o trabalho com o letramento literário na escola. Embora eu não vá tratar desses pontos aqui devido ao espaço, é interessante notar o movimento feito em prol de relacionar a discussão teórica com a parte prática. Ainda assim, é sempre necessário considerar a realidade das escolas e a limitação que os professores possam encontrar no seu exercício cotidiano.

Na parte final do livro, os autores reformulam mais um conceito que se pretende revolucionário, tendo em vista que ao discutir letramento de reexistência é sugerida a transgressão de velhas práticas, sobretudo quando se trata do ensino de literaturas por meio de autores canônicos e consagrados. Aqui reina a diversidade de autoria, a busca pelo agenciamento dos sujeitos periféricos e marginalizados. Algo que a meu ver vai ao encontro do desejo de transformação por parte da sociedade, mas que fricciona com outra parte, a qual pertence a uma classe mais tradicional, cujo objetivo é sempre centralizar e homogeneizar as visões plurais de mundo.

É preciso repensar a função do ensino de literaturas na educação básica e as práticas de letramentos literários devem possibilitar espaços de reexistências. Essa é a defesa que Amorim e Silva (2019) fazem junto a Souza (2011). No contexto da Linguística Aplicada, Moita Lopes (2006) defende que os estudos contemporâneos com a linguagem devem focar na quebra dos paradigmas erigidos pela tradição modernista, portanto o linguista aplicado, ao trabalhar com o discurso, compreende-o como “espaço e meio de produção dos múltiplos significados que compõem o mundo e das fragmentadas identidades que concebem o sujeito – este ser produzido *no e pelo* discurso” (Amorim *et al*, 2022, p. 103-104). Assim, o processo educativo de formação deve ir em direção à desconstrução, ao abalo de certezas e incentivo ao questionamento.

Nesse sentido, o ensino de literaturas deve ultrapassar os conhecimentos de características de estilos de época, deve provocar desestabilizações ao propor perguntas sobre nós mesmos, sobre a sociedade e a vida.

Assim, a literatura dita de reexistência seria

[t]oda produção literária de autoria periférica, de autoras e autores periféricos, que ressignificam esteticamente a opressão de que são

vítimas, fazendo da literatura um terreno de sobrevivência ao colonialismo, ao racismo, a toda e qualquer forma de depreciação das subjetividades não hegemônicas (AMORIM et al, 2022, p. 109).

Ao provocar essas transformações, não necessariamente está sendo proposta a abolição da literatura tradicional e canônica, mas a coexistência e a diversificação de autoria. Os autores concluem o capítulo com duas partes que comentarei rapidamente. A primeira parte segue a mesma lógica dos capítulos anteriores, ou seja, trazem orientações para o trabalho com a literatura de reexistência na escola. Achei-a muito pertinente, pois as orientações não aparecem como genéricas, elas mencionam autores específicos que podem ser trabalhados e dicas de como encontrar as brechas do sistema tradicional para adentrá-las. Em uma segunda parte, é possível encontrar várias propostas de atividades com o passo a passo. Essas atividades já foram colocadas em práticas e funcionam em alguns contextos, não significando, portanto, que funcionarão em todos os espaços. De modo algum essas atividades surgem como caminho absoluto ou tentativa de resolução de todos os problemas discutidos, mas como tentativa ou esforço de problematizar práticas antigas que já são datadas.

Desta maneira, *Literatura na escola* é por tudo aquilo que foi discutido um produto inovador que consegue agregar a densa discussão teórica às atividades práticas e orientações possíveis para o trabalho com o texto literário. Os autores consideram que a sala de aula é sempre localizada sócio-historicamente, assim nem sempre é tão fácil colocar em prática essas propostas. Ainda assim, foi possível identificar algumas desmistificações sobre a relação da leitura e do jovem leitor, como também reformulações conceituais de extrema importância. A meu ver tudo isso fica muito enriquecido com a linguagem acessível, com a organização didática da obra e com o caráter formativo da obra. Portanto, isso confirma que o livro é altamente indicado para os professores de línguas e literaturas, assim como para os discentes dos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Marcel Alvaro de.; SILVA, Tiago Cavalcante. “O ensino de literaturas na BNCC: discursos e (re)existências possíveis”. In: AMORIM, Marcel Alvaro de; GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela (Orgs.). *A BNCC e o ensino de línguas e literaturas*. Campinas: Pontes, 2019.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2013.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PAULINO, Graça; GRIJÓ, Andréa Antolini. Letramento literário: mediações configuradas pelos livros didáticos. *Revista da Faced*, Salvador, n.9. p. 103-115, 2005.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (orgs.). *Escola e leitura – Velha Crise, Novas Alternativas*. São Paulo: Global Editora, 2009, p. 61-79.

REZENDE, Neide. “O ensino de literatura e a leitura literária”. In: DALVI, Maria Amélia.; REZENDE, Neide Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). *Leitura da literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SOUZA, Ana Lúcia Silva Souza. *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola, 2011.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

Recebido em: 26/03/2024

Aceito em: 06/10/2024

**Maxwell Souza dos Santos:** graduado em Letras (português/literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada pela mesma universidade.